



A PROPOSIÇÃO DE FUTURO PELAS METÁFORAS KRENAKIANAS: UMA LEITURA DE O AMANHÃ NÃO ESTÁ À VENDA

A Proposition of the Future through Krenakian Metaphors: A Reading of Tomorrow Is Not for Sale

Marcia Maria de Medeiros*
Tânia Regina Zimmermann**
Maria Eduarda Ferro***

Recebido em: 12/09/2025

Aprovado em: 10/12/2025

Resumo: O artigo analisa *O amanhã não está à venda*, de Ailton Krenak, destacando as metáforas e ironias mobilizadas para criticar os valores da modernidade/colonialidade ocidental. Busca-se compreender, nessa linguagem, o projeto de colonialidade expresso em imagens como a *coalhada*, a *Mãe Terra* e a concepção de humanidade forjada pelo humanismo moderno, que exclui coletivos considerados *sub-humanidade* — indígenas, quilombolas, caiçaras e outros povos tradicionais. A pesquisa, de natureza qualitativa, analisa o ensaio à luz de Quijano (1991), Caffentzis e Federici (2015) e Segato (2016; 2021a; 2021b; 2022; 2023). Conclui-se que as críticas de Krenak recaem sobre a coisificação do mundo como valor da modernidade, que afasta coletividades de suas potências vitais e vínculos com a Terra. Nesse sentido, sua obra convida a refletir sobre o paradigma moderno e a reconectar-se ao comunal, à solidariedade e à pluralidade de existências, como caminhos de resistência e reexistência.

Palavras-chave: Ailton Krenak; Epistemologias do Sul; Sustentabilidade.

* Doutorado em Letras. Programa de Mestrado e Doutorado em Recursos Naturais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PGRN/UEMS). E-mail: marciamaria@uems.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1116-986X>

** Doutorado em História. Programa de Mestrado e Doutorado em Recursos Naturais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PGRN/UEMS). E-mail: tania22@uems.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8107-3102>

*** Doutorado em Educação. Programa de Mestrado e Doutorado em Recursos Naturais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (PGRN/UEMS). E-mail: mariaeduarda@uems.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0665-2475>

Abstract: This article examines Ailton Krenak's work *Tomorrow Is Not for Sale*, focusing on the metaphors and ironies the author uses to critique the values that sustain Western modernity/coloniality. The aim is to understand Krenak's language as a model for the project of coloniality, exemplified by the metaphors of *curdled milk*, *Mother Earth*, and the conception of humanity created by humanism and modernity, which excludes collectives considered *subhuman*—Indigenous peoples, quilombolas, caiçaras, and other traditional peoples. We propose qualitative research based on an analysis of Krenak's published essay in light of the theories of authors such as Quijano (1991), Caffentzis and Federici (2015), and Segato (2016; 2021a; 2021b; 2022 e 2023). We conclude that his critiques center on the objectification of the world as a value of modernity, distancing humans and their collectives from their vital powers and their connections with the Earth. In this sense, the work invites us to reflect on the modern paradigm, proposing a reconnection with the communal, solidarity, bonding and the plurality of forms of existence, as paths of resistance and re-existence for the future.

Keywords: Ailton Krenak; South-South epistemologies; Sustainability.

Introdução

No ano de 2023, a representatividade dos povos originários do Brasil se fez presente em um dos mais tradicionais e antigos círculos da intelectualidade nacional, a saber, a Academia Brasileira de Letras. Ailton Alves Lacerda Krenak, do povo Krenak, foi eleito para ocupar a cadeira número 5, na qual sucedeu a José Murilo de Carvalho (Academia Brasileira de Letras, 2024). Sua chegada à instituição transcende um gesto simbólico de inclusão, marca a inscrição de narrativas indígenas no espaço consagrado da intelectualidade letrada no Brasil. Essa presença tensiona os cânones literários e históricos, evidenciando que a produção de pensamento indígena não é periférica, mas constitutiva dos debates nacionais. Esse movimento se conecta a processos mais amplos de circulação de vozes indígenas que, ao longo do continente, vêm questionando fronteiras de pertencimento e oferecendo novas gramáticas para compreender a vida social e política.

Nascido em 29 de setembro de 1953, no estado de Minas Gerais, Krenak é um ativista indígena pelos direitos humanos, além de ser autor de diversos livros,

entre eles “O Amanhã não está à Venda”¹, objeto da análise deste artigo. A obra, publicada em 2020, pela editora paulista Companhia das Letras, constitui-se em um ensaio de 12 páginas que expõe a visão do autor sobre a pandemia de Covid-19 e acerca da relação entre a espécie humana na natureza no contexto da modernidade e da donidade² do planeta, como se infere da citação que segue: “Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas grandes corporações, que são os **donos** da grana” (Krenak, 2020a, p. 6, grifos nossos).

Nesta obra, Krenak também problematiza a pandemia como um ato de silenciamento promovido pela Terra aos seus filhos, forçados ao recolhimento nas grandes cidades, espaços em que os modos de vida comunal, há muito não ocorrem mais. Nesse sentido, Krenak critica uma forma de ser no mundo que nos condena a solidão, ao dizer que: “[...] preciso confessar que tenho dó de quem vive nessas metrópoles. Muitas pessoas vivem sozinhas nesses centros, deixamos de ser sociais porque estamos num local com mais 2 milhões de pessoas” (Krenak, 2020a, p.9).

Vale salientar que sua trajetória na luta pelos interesses dos povos indígenas se acentuou em 1982, quando ele se tornou um dos membros fundadores da União das Nações Indígenas (UNI), instituição “[...] representativa dos interesses indígenas [que se destaca] na busca, defesa e promoção dos direitos indígenas” (Academia Brasileira de Letras, 2024). A UNI constitui-se em força fundamental para a articulação do movimento indígena, tanto no território

¹ O ensaio *O Amanhã não está à Venda* foi publicado em português como livro independente (Krenak, 2020a) e também incorporado à coletânea *A vida não é útil* (Krenak, 2020b). Em inglês, abre a edição *Ideas to Postpone the End of the World*, sob o título *Tomorrow Is Not for Sale* (Krenak, 2020c). Em espanhol, integra *La vida no es útil* (Krenak, 2023), e em francês circula em tradução on-line como *Demain n'est pas à vendre* (Krenak, 2020d). Além dessas versões do ensaio, outras obras de Krenak foram traduzidas para diversos idiomas, como o italiano, o alemão, o holandês, o polonês e o grego, o que atesta a crescente circulação internacional de seu pensamento.

² Donidade (de *dueñidad*, em Segato) designa a gramática de poder do ser-dono/senhor. Expressa um mandato de propriedade e domínio que atravessa o patriarcado e legitima a posse sobre coisas, territórios e corpos. É correlato ao mandato de masculinidade, de modo que desmontar o mandato de masculinidade é desmontar o mandato de *dueñidad*. Ver Segato (2016; 2018).

brasileiro quanto no continente americano. A atuação de Krenak o tornou protagonista nas discussões que resultaram na inscrição dos direitos indígenas na Constituição Federal de 1988.

| 496

Ademais, o ativista recebeu diversas premiações por sua luta constante na defesa dos direitos dos povos originários. Processo esse que se agrega ao seu discurso e o torna articulador de premissas epistemológicas que se utilizam da marca metafórica para construir suas analogias. Exemplo disso é o texto em alusão ao projeto de assimilação forçada, presente em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras:

Um dia aquela gente ia evoluir e ia virar brasileiro!! Quer dizer, é mais ou menos como você querer produzir coalhada, sei lá, você quer produzir coalhada em casa. Aí você arruma aqueles lactobacilos, põe numa tigela, põe leite, deixa dormir e aquilo vira coalhada. Os positivistas geniais achavam que a gente ia virar coalhada. [...] O querido José Murilo, ele foi esmiuçar esse propósito republicano de deglutir os índios. Quer dizer, quem ia devorar os indígenas seria a república (Krenak, 2024, p. 01).

A metáfora é um recurso de linguagem que se utiliza do “[...] emprego de uma palavra com sentido diferente do seu sentido usual, baseado em uma comparação implícita (subentendida) entre dois elementos” (Patrocínio, 2011, p. 66). Na citação acima transcrita, o centro do discurso metafórico está no uso da palavra *coalhada*, utilizada aqui para comparar a ideia positivista de transformar os povos indígenas em *brasileiros*, a um processo mecânico e simplista de transformação. Trata-se de pensar essa premissa como se fosse algo natural e inevitável, da mesma maneira como o leite se transforma em coalhada.

Krenak ainda faz uso de mais um recurso de linguagem nesta citação, qual seja ele, a ironia, pois a simplificação exagerada ridiculariza a visão ingênua e impositiva dos positivistas, que pensavam ser possível assimilar as populações indígenas a cultura dominante impetrada pelo seu processo civilizatório. A ironia no discurso de Krenak surge, justamente, dessa comparação inusitada e da crítica que fica implícita ao absurdo dessa concepção. Percebe-se aqui, uma nota de

sarcasmo em relação ao projeto que se propunha ao branqueamento da raça brasileira com tudo o que isso significa em termos de proposta de ver o mundo e de ser no mundo.

| 497

Diante destes apontamentos iniciais, apresentamos os questionamentos que deram origem ao presente artigo: como as metáforas krenakianas surgem em “O Amanhã não está à Venda” enquanto críticas aos valores que formam o mundo contemporâneo? Que conceito de humanidade esses valores ratificam e como ele é criticado no texto de Ailton Krenak? Como as metáforas do autor podem ser articuladas para a discussão de uma ideia de natureza?

Para alcançar as respostas a estas perguntas realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada na análise do ensaio publicado por Krenak, à luz da teoria de nomes como Quijano (1991), Caffentzis e Federici (2015) e Segato (2016; 2021a; 2021b; 2022 e 2023), autores que oferecem chaves de leitura críticas sobre colonialidade, exploração e resistência, em diálogo com o pensamento de Krenak. O texto organiza-se em duas partes: na primeira, será apresentada a análise do ensaio de Krenak; na segunda, as considerações finais sobre o tema.

Modernidade, humanidade e sub-humanidade nas críticas krenakianas

As metáforas e ironias empregadas por Krenak em “O amanhã não está à venda” e outros textos, estão postas em imagens simples, mas que alcançam críticas profundas, como ao comparar a colonialidade dos povos indígenas e demais coletivos das *margens* ao processo de transformação do leite em coalhada. Com isso, Krenak expõe a visão reducionista e mecanicista da modernidade, que busca enquadrar a diferença e a diversidade em padrões artificiais e homogêneos. Suas metáforas revelam a ironia de um projeto civilizatório que se pretendeu universal, mas que atuou e atua pela exclusão, pela invenção dos *outros* como defectivos e por um processo violentogênico.

Nesse sentido, o conceito de humanidade inventado pela modernidade e ratificado pelo humanismo ocidental – com foco no sujeito universal do *Um* europeu (Segato, 2022), que relega os demais à condição de restos – é alvo direto da crítica krenakiana. Essa humanidade inventada, além de apartar o homem universal da diversidade, também o separa da natureza, legitimando opressões, exploração e desigualdades que se disfarçam sob a retórica de neutralidade e progresso.

Esse processo institui uma distinção entre uma humanidade *plena* e uma *sub-humanidade*, composta por coletivos marginalizados. Como afirma Krenak: “Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seleta que não aceita novos sócios” (Krenak, 2020a, p. 6). A crítica à humanidade está, portanto, no próprio modelo de sua invenção. Ao concebê-la como um *clube seleta*, Krenak denuncia seu caráter excludente e nos provoca a refletir: como se deu essa exclusão desde a gênese da ideia de humanidade?

Para Segato (2022) a concepção ocidental de *humano* é uma construção que se impôs através da colonialidade/modernidade, resultando na produção de *restos*, ou seja, indivíduos e povos que estão fora dos padrões do *Um* europeu. Esse sujeito universal é uma ficção construída para invisibilizar as particularidades históricas e geográficas dos corpos vulnerabilizados. A ideia de um sujeito universal, autônomo e neutro, oculta as assimetrias de gênero, classe, raça e sexualidade que estruturam a vida social.

Nesse sentido, a sub-humanidade produzida pelo projeto colonial, tal como analisada por Segato (2022), não corresponde apenas a uma condição de exclusão, mas também à persistência histórica de modos de vida que escapam à lógica do *Um* europeu. São precisamente esses coletivos (indígenas, quilombolas, camponeses e povos das margens) que, ao serem expulsos da plena humanidade moderna, mantiveram formas comunitárias de organização da vida, baseadas na reciprocidade, no cuidado e na partilha. É nesse ponto que a crítica de Krenak se articula com as reflexões de Federici e Caffentzis, pois aquilo que a colonialidade

nomeou como resto ou atraso constitui, paradoxalmente, o núcleo histórico de resistência ao avanço do capitalismo e à mercantilização da vida.

499 | Ao problematizar esse universal, Segato (2022) observa como a violência de gênero, o racismo e o neocolonialismo se entrelaçam com a ideia de cidadania, exigindo uma descolonização do modo como pensamos o humano e o político. Esse sujeito universal, forjado pelo humanismo, não tem nada de humano. Esse modelo produz uma escala de hierarquias: o homem negro é representado como defectivo em relação ao homem branco, a mulher, com defectiva em relação ao homem, e assim por diante. Inventa-se um humanismo imperial cuja suposta superioridade moral é o capital simbólico com maior peso na dominação colonial. Mas este processo, segundo Segato:

Não se instala sem processos históricos de dominação material - conquista, colonização e, mais tarde, espoliação imperialista. Ao lado do processo de consolidação material de dominação, um processo de hegemonização de nova unidade estabelecida pela força e prolongada em situação de desigualdade resulta em assimetria moral dos povos anexados. A superioridade moral é a própria retórica da validação de uma perspectiva sobre a outra, de determinados valores sobre outros. (...) O que assim se apresenta como “superioridade” de acordo com uma hierarquia de valores universais - em verdade, universalizados pela força - é simples tautologia (Segato, 2022, p. 131).

Essas críticas ganham densidade no contexto de um cenário global marcado por colapsos ambientais, pelo desgaste das economias baseadas no extrativismo e por dilemas éticos relacionados à dignidade humana. Ao desconstruir o conceito moderno de humanidade, não apenas se denuncia sua lógica excludente, mas também se explicita como esse modelo sustenta a degradação da Terra e o aprofundamento das desigualdades. Nesse horizonte, o pensamento de Krenak se articula como um chamado a reposicionar a vida em sua interdependência radical.

Krenak denuncia essa hierarquização como produto de uma modernidade/colonialidade que esvaziou a potência do ser, pois a embasa em aspectos como o consumismo, a competitividade e o imediatismo, em um processo inverso à ideia de Espinosa (2018). Essa modernidade instaurou uma

visão antropocêntrica destrutiva, que reduz outras formas de existência e de vida à condição de coisas.

| 500

A crítica de Krenak ao esvaziamento da vida na modernidade dialoga diretamente com a noção espinosana de potência de agir, entendida como a capacidade dos corpos de perseverar em sua existência por meio de relações que ampliam a vida. Quando a modernidade colonial separa humanidade e natureza, dissolve vínculos comunitários e reduz a existência à produtividade e ao consumo, ela atua como uma máquina de diminuição da potência. A “potência vital” evocada por Krenak (enraizada na Terra, nos afetos e na vida comunal) pode ser lida, assim, como uma expressão situada e decolonial da ética espinosana, que se opõe às formas modernas de sujeição e à produção de vidas descartáveis.

As metáforas, portanto, podem ser articuladas a uma discussão sobre a ideia de natureza, na medida em que Krenak propõe um giro do olhar: não se trata mais de ver a natureza como recurso natural objetificado, mas de reconhecê-la como organismo vivo do qual a humanidade é apenas uma parte. Ao expor a metáfora da Terra como mãe, organismo ou cosmos, o autor evidencia que não existe nada fora da natureza. No contexto da pandemia global de Covid-19, Krenak assim se expressa:

A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta de manhã com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se moverem, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar, e o que a gente faz com ele? O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio.” A Terra está falando isso para a humanidade. Ela é tão maravilhosa que não dá uma ordem. Ela simplesmente está pedindo: “Silêncio”. Esse é também o significado do recolhimento (Krenak, 2020a, p. 7).

A crise da Covid-19, compreendida como experiência sanitária, e igualmente como ruptura política e cultural, reforçou os limites da racionalidade ocidental e sua incapacidade de oferecer respostas equitativas. Para Krenak, a

suspensão forçada dos ritmos cotidianos oportunizou uma escuta mais atenta à Terra e aos vínculos comunitários. Assim, a pandemia é lida menos como evento isolado e mais como evidência de um colapso civilizatório, ao mesmo tempo em que revela a urgência de reinventar nossas relações de cuidado e cooperação.

Ao valorizar modos de vida comuns e integrados nas espiritualidades, o autor defende que somente por meio da solidariedade e da reconexão com esse todo será possível garantir a continuidade da vida no planeta. Assim, as metáforas krenakianas, além de tecerem uma crítica social, também se tornam propostas epistemológicas e políticas, capazes de (re)criar um sentido do comum e de (re)colocar a natureza no centro da nossa experiência. Sobre a pandemia e a crítica social ao contemporâneo, Krenak recorre à metáfora do anzol:

Penso naqueles versos do Carlos Drummond de Andrade: “Stop./ A vida parou/ ou foi o automóvel?”. Essa é uma parada para valer. O ritmo de hoje não é o da semana passada nem o do ano novo, do verão, de janeiro ou fevereiro. O mundo está agora numa suspensão. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. É como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos para o que realmente importa (Krenak, 2020a, p 8-9).

Sobre as suas críticas à modernidade/colonialidade, Krenak se volta para a ideia de invenção da humanidade, conforme proposto pelo colonialismo. Ao instituir um mundo de binariedades, ou seja, de oposições como natureza x cultura, consolidou-se no ocidente uma nova maneira de ser e estar no mundo, estruturada em classificações de saberes, valores do trabalho e projetos de futuro. Krenak observa esse processo:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2020a, p. 6).

Isso que se chamou de modernidade³, o mundo como coisa, sob o humanismo, esgarçou o modo de vida comunal. As diferentes soberanias anti-modernidade foram paulatinamente modificadas e a autonomia coletiva de resolver as insatisfações foi substituída, por exemplo, por leis, pela atomização do indivíduo, pelo egoísmo, pelo consumismo, pela minoritização, pelo patriarcado de alta intensidade (Segato, 2022). No entanto, alguns núcleos comunitários, em seus modos de vida integrados, reexistem, conforme Krenak:

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam se manter agarrados nessa Terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seletivo que não aceita novos sócios. E uma camada mais rústica e orgânica, uma sub-humanidade, que fica agarrada na Terra. Eu não me sinto parte dessa humanidade. Eu me sinto excluído dela (Krenak, 2020a, p. 6).

Essa sub-humanidade advém do processo de racialização e normalização do mundo, que atinge não apenas as pessoas, mas também as paisagens, às quais se atribui uma natureza *outra* destinada aos vencidos. Mas é esta sub-humanidade das bordas que conserva seu próprio mundo, seu projeto histórico e também um mundo intra-comunitário.

São esses coletivos que seguem ouvindo a Terra, caminhando com projetos históricos de bem-estar através dos vínculos e da solidariedade, pois entendem que suas dignidades não podem ser perdidas. Esses projetos comunitários de estrutura comunal, para além do mercado e do Estado, se colocam pela sobrevivência da nossa espécie, pois, conforme alenta Krenak:

É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo

³ Ver Quijano (1991).

florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid-19. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos (Krenak, 2020a, p. 6).

É nestes coletivos, com estruturas comunais e em seus espaços territoriais, que a natureza em sua plenitude pode sobreviver, até que os donos do mundo os expulsem de lá e a destruam. Essa donidade das corporações e pessoas ultrapassa as desigualdades, pois acumula poderes institucionais e econômicos, tornando-se donos da vida e da morte. O perigo da conquistualidade⁴ está posto, então, a luta para permanecer como povo no trânsito da história torna-se uma meta de reexistências, pois conforme observa Krenak:

(...) estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdades entre povos e sociedades. De modo que há uma sub-humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela — e isso também foi naturalizado (Krenak, 2020a, p.5).

Krenak estaria a par do fim da razão humanitária? Esta razão inócua, que não mais toca corações e mentes, devastando tudo. Nessa devastação, manifesta-se a lógica incessante da conquista, que pela naturalização, perpetua a exploração de água, minérios, florestas, pessoas, entre outros. Segundo Segato (2021b) há dois projetos históricos em curso, ou seja, um de vínculo e o outro de coisas.

O projeto de vínculos é o do tempo mais lento e está “(...) impregnado na paisagem que o representa, corre escondido nos rios profundos e ignotos dos sangues, e reaparece na superfície da consciência como movimento da sociedade, vencendo a intervenção colonial e sua censura das memórias” (Segato, 2021a, p. 24). Ambos os projetos são incompatíveis, conforme este escrito de Krenak. O

⁴ O termo conquistualidade foi proposto por Rita Laura Segato como alternativa à noção de colonialidade, por enfatizar que a conquista não se encerrou no passado histórico, mas permanece em curso de maneira contínua. A palavra expressa a ideia de uma conquista permanente, sustentada pela violência, tanto em eventos de grande escala quanto em práticas cotidianas, como forma de manutenção do patriarcado e da dominação social. Assim, a conquistualidade designa o caráter incessante da apropriação e subjugação, sobretudo dos corpos das mulheres, em um sistema patriarcal colonial-moderno que atualiza constantemente suas estratégias de poder (Segato, 2023).

projeto de coisas se traduz no gozo narcisista e consumista entendido como felicidade e como única forma de satisfação, produzindo precarização, destruição de espaços e territórios comunitários, cuja violência produz um efeito de normalização da crueldade. Segato reforça que nunca haverá riqueza natural suficiente para vender no mercado global “[...] capaz de conter a ganância dos sujeitos malogrados pela pulsão consumista” (Segato, 2022, p. 49).

Esse efeito também produz a baixa empatia e dessensibiliza frente a inúmeras injustiças, banalizando a vida e também o poder da palavra (Krenak, 2020a), o que é particularmente perigoso para comunidades que têm na oralidade a força de sua expressão e de reprodução do seu modo de vida.

Krenak (2020) ressalta a banalidade da palavra, entendida como aquela que não tem receptores para o ato comunicativo de quem é capturado pela expropriação da vida. Nesse processo, as pessoas se relacionam por utilidade e pelos interesses, criando um ambiente mortuário e de decadência acelerada. Isto caracteriza a modernidade, na visão do autor. Só o mundo de solidariedade, vínculos, reciprocidade empática e vida comunitária interpõe limite a esse processo de coisificação da existência.

Os mundos comunais que sobreviveram mantêm lógicas não ocidentais. Elas se opõem à neurose monoteísta do Ocidente, que reconhece apenas uma única forma de bem, de beleza e de verdade. São mundos pluralistas com formas de organização não excludentes, sem a produção dos outros como defectivos, sem o sujeito pleno, único e universal, sem transformar a vida em coisas. São estes coletivos que nos farão crescer como humanidade ao abolir a normalidade, esta invenção de um dia (Quijano, 1991).

Os estudos de Quijano são importantes para compreender qual humanidade foi inventada pela modernidade⁵. E esta é posta em dúvida por Krenak, à medida que uma pandemia se apresenta como possível normalizadora

⁵ Para Quijano (1991), sem a América não existiria a modernidade e com a chegada dos europeus se inaugura um valor que não existia antes, o da novidade que se translada do passado ao futuro e esse valor por excelência define a modernidade. Para ele, não existe a modernidade sem o valor do novo, do descobrimento, da invenção.

nas relações cotidianas e da própria concepção de humanidade: “Aí, sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira” (Krenak, 2020, p. 10). O autor ainda complementa: “Em artigo que li sobre a pandemia, o sociólogo italiano Domenico De Masi cita a obra profética *A peste*, de Albert Camus: a peste pode vir e ir embora sem que o coração do homem seja modificado” (Krenak, 2020a, p. 9).

Krenak se junta a todas e todos que se perguntam sobre as múltiplas relações de cooperação tecidas por homens, mulheres e dissidentes em diferentes lugares do mundo. Ele se questiona sobre como reproduzir a vida de forma satisfatória, refletindo sobre as formas históricas dessas relações, suas razões, seus poderes, seus limites, suas fragilidades, seus futuros e, buscando estabelecer sentidos, ritmos e causas da nossa vida prática. Sobre essas relações de poderes, limites e fragilidades e sub-humanidade durante a pandemia, Krenak ressalta:

Vemos algumas pessoas defenderem a manutenção da atividade econômica, dizendo que “alguns vão morrer” e é inevitável. Esse tipo de abordagem afeta as pessoas que amam os idosos, que são avós, pais, filhos, irmãos. É uma declaração insensata, não tem sentido que alguém em sã consciência faça uma comunicação pública dizendo “alguns vão morrer”. É uma banalização da vida, mas também é uma banalização do poder da palavra. Pois alguém que fala isso está pronunciando uma condenação, tanto de alguém em idade avançada, como de seus filhos, netos e de todas as pessoas que têm afeto uns com outros. Imagine se vou ficar em paz pensando que minha mãe ou meu pai podem ser descartados. Eles são o sentido de eu estar vivo. Se eles podem ser descartados, eu também posso (Krenak, 2020a, p. 7).

O trecho acima destaca um princípio fundamental que alinha a obra de Krenak aos direitos humanos no que existe de mais central em seu elemento constitutivo, a saber, o direito à vida. O autor se coloca de forma veemente contra a ideia, propalada durante a pandemia, de que algumas pessoas iriam morrer e isso seria inevitável. No seu ponto de vista, tal discurso desvela a violência brutal do capitalismo e intensifica a premissa da objetificação dos corpos e de coisificação da vida.

No discurso de Krenak, os descartáveis são identificados sobretudo nos idosos, sujeitos que, nas comunidades tradicionais, são considerados os

detentores do conhecimento e também da sabedoria sobre outros modos de vida inspirados no ideal comunitário. Sua morte não é apenas uma perda individual, mas significa o esquecimento da memória coletiva e o apagamento de histórias e ensinamentos que sustentam formas alternativas de existência.

Essa banalização da vida reflete a precariedade instaurada por um mercado que opera sob o princípio da crueldade. um sistema que disseca o vivo e o vital, reduzindo-os a cálculos de custo e benefício, acumulando às custas da destruição e impondo a todos a normalização da indiferença frente à morte.

Sílvia Federici e George Caffentzis (2015) nos apresentam uma abordagem muito interessante sobre como pensar o processo de produção do comunal em contraste com o emaranhado agressivo das relações capitalistas que cercam os bens comuns, conforme expôs Krenak, ao afirmar:

Com o avanço do capitalismo, foram criados os instrumentos de deixar viver e de fazer morrer: quando o indivíduo para de produzir, passa a ser uma despesa. Ou você produz as condições para se manter vivo ou produz as condições para morrer (Krenak, 2020a, p. 8).

A preocupação de Federici e Caffentzis (2015) é pensar como a vida comunal, com seu poder transformador, pode transcender a relação estatal e comercial na organização da vida social. No entanto, ambos alertam sobre o perigo que existe quando os bens comuns são subordinados ao mercado, tornando-se meios úteis para o aprofundamento da acumulação capitalista, suspendendo seu poder transformador. Sobre isso, Krenak é enfático:

Desde muito tempo, a minha comunhão com tudo o que chamam de natureza é uma experiência que não vejo ser valorizada por muita gente que vive na cidade. Já vi pessoas ridicularizando: “ele conversa com árvore, abraça árvore, conversa com o rio, contempla a montanha”, como se isso fosse uma espécie de alienação. Essa é a minha experiência de vida. Se é alienação, sou alienado. Há muito tempo não programo atividades para “depois”. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã (Krenak, 2020a, p. 8).

O comum e comunal, observado nas críticas de Krenak, alertam para os perigos que ameaçam essas formas de vida e apontam que, historicamente, só sobrevivemos devido a esse processo. Federici e Caffentzis observam que essa historicidade resiste sobretudo em espaços como a África e a América Latina, territórios que, em termos globais, simbolizam a relacionalidade Sul-Sul e abrigam as *sub-humanidades*, hoje entre as mais expostas a ameaças:

La historia nos demuestra que “producir común” es el principio mediante el cual los seres humanos han organizado su existencia durante miles de años. Tal y como nos recuerda Peter Linebaugh, difícilmente existe una sociedad donde lo común no esté en su seno (Linebaugh, 2012). Aún hoy en día existen muchos sistemas de propiedad comunal en una gran cantidad de lugares del mundo, sobre todo en África y entre las comunidades indígenas de Latinoamérica. Así, cuando mencionamos el principio del “bien común” o hablamos de “comunes” como formas teóricas o existentes de riqueza compartida, no nos estamos refiriendo únicamente a experimentos a pequeña escala (Federici; Caffentzis, 2015, p. 55)⁶.

A persistência de formas comunitárias em territórios da África e da América Latina expressa sobrevivência cultural, mas também a elaboração de horizontes críticos frente ao capitalismo global. Tais experiências, quando interpretadas sob a perspectiva da reciprocidade e da solidariedade, demonstram que existem modos de vida que escapam ao paradigma da mercantilização. Ao valorizar essas práticas, Krenak dialoga com um campo de saberes que, de diferentes maneiras, apontam para a construção de mundos plurais, sustentados pela interdependência e pela partilha.

Para estes autores, o comunal continua existindo, e houve comunidades *fora* do capitalismo que desempenharam um papel fundamental em resolver insatisfações coletivas. Mais importante ainda é que antigos e novos tipos de bens

⁶ A história nos demonstra que o *produzir comunitário* é o princípio mediante o qual os seres humanos organizaram a sua existência durante milhares de anos. Tal como nos recorda Peter Linebaugh, difícilmente existe uma sociedade onde o comum não esteja em seu seio (Linebaugh, 2012). Ainda hoje em dia, existem muitos sistemas de propriedade comunal em uma grande quantidade de lugares do mundo, sobretudo na África e entre as comunidades indígenas da América Latina. Assim, quando mencionamos o princípio do *bem comum* ou falamos de *comunas* como formas teóricas ou existentes de riqueza compartilhada, não nos estamos referindo unicamente a experimentos em pequena escala. Tradução livre das autoras deste artigo.

comuns existam e continuem a surgir, exemplos que podem ir desde o *software livre* ao movimento da *economia solidária*, traduzidas em relações sociais baseadas no princípio de compartilhamento em comum⁷.

| 508

Porém, essas comunidades *fora* do capitalismo estão no olho do furacão, pois a lógica da *conquistualidade* entende que é preciso destruí-las para manter o processo de devastação. Krenak não está alheio a essas contradições da modernidade e à humanidade que ela produziu. Segato (2021b) acrescenta que essa lógica de expropriação enfraquece justamente os valores benéficos, como aqueles destacados por Krenak, voltados ao pluralismo e ao comunal, e mostra que sua desvalorização traz consequências para toda a humanidade.

Abdicar del autoritarismo de la utopia prefigurada implica en entender y soportar el espíritu trágico que es característico de la vida humana, pero la modernidad cancela, pues implica aprender a vivir en la “incerteza” en la indeterminación, en una margen de indecisión. (...) El sujeto comunitario acepta a simultaneidad de A y NO-A sin perturbarse. (Segato, 2021b, p. 63)⁸.

São esses povos das insurgências que caminharam até aqui por mais de 500 anos, com formas estratégicas de sobreviver e de suportar a ambivalência, aceitando a simultaneidade sem um porto seguro. São eles que nos ensinam. “A verdade é que vivemos encurralados e refugiados no nosso próprio território há muito tempo, numa reserva de 4 mil hectares — que deveria ser muito maior se a justiça fosse feita —, e esse confinamento involuntário nos deu resiliência, nos fez mais resistentes” (Krenak, 2020a, p. 4). A utopia destes povos está nessa imprevisibilidade e seguindo a expressão: é no caminho que se faz o andar.

⁷ Sobre o comum, indicamos autores como Raquel Gutiérrez Aguilar (2017; 2018 e 2020); Denisse Roca-Servat (2020) e Gustavo Esteva y Arturo Guerrero Osorio (2018).

⁸ Abdicar do autoritarismo da utopia prefigurada implica em entender e suportar o espírito trágico que é característico da vida humana, mas a modernidade o cancela, pois implica aprender a viver na *incerteza*, na indeterminação, em uma margem de indecisão. (...) O sujeito comunitário aceita a simultaneidade de A e Não A, sem perturbar-se. Tradução livre das autoras deste artigo.

Considerações Finais

| 509

Uma análise das metáforas utilizadas por Ailton Krenak em seu texto “O Amanhã não está à venda” indica que este autor opera as figuras de linguagem enquanto elementos que tem a potência de abrir fissuras no pensamento hegemônico. Seu texto apresenta uma crítica ao projeto assimilacionista do modo de produção capitalista. Krenak beira ao absurdo, como quando associa a violência de um processo civilizatório à coalhada para anuir ao branqueamento da raça, justamente como forma de denúncia das arbitrariedades e violências do colonialismo.

O estranhamento provocado pelas imagens que ele articula por meio da palavra obriga o pensamento a se deslocar da racionalidade cartesiana, desnaturalizando certezas e mostrando que aquilo que parecia lógico, a exemplo da integração forçada dos povos indígenas ao modelo civilizatório ocidental, é tão irracional quanto acreditar que vidas humanas possam ser moldadas a partir de um fenômeno como o transformar o leite em coalhada.

Nesse sentido, a metáfora em Krenak não se limita a uma ilustração estética: constitui uma estratégia de pensamento capaz de denunciar a crueldade das estruturas sociais e políticas contemporâneas. O absurdo enunciado revela, por meio do exagero e da ironia, a fragilidade de valores considerados universais, como as ideias de progresso e humanidade. Além disso, expõe de forma evidente a face violenta e excludente do projeto colonizatório que prima pelo UM às custas do sacrifício de muitos.

Logo, a metáfora se apresenta como elemento crítico e questionador, que permite a compreensão de que a normalidade imposta pela modernidade sufocou outras formas de ver e sentir o mundo, fundadas na ancestralidade, na oralidade e na experiência comunal, elas também normais em seu eterno devir.

A leitura do texto de Ailton Krenak mostra que a *humanidade inventada* promove o esvaziamento do ser, em um processo inverso da ideia de Espinosa (2018). O consumismo, a competitividade e o imediatismo, que se pautam como valores sociais contemporâneos, podem ser compreendidos como os elementos

fulcrais nesse desencantamento do mundo (Weber, 2003) e, portanto, no vazio existencial que permeia a humanidade.

Ao recorrer à metáfora e à ironia, em *O amanhã não está à venda*, Krenak contribui para novas leituras e reflexões sobre a atual e futura fragilidade de uma humanidade construída sobre a exclusão, a exploração e a coisificação da vida, em contraposição às formas comunais de existência, que persistem como possibilidade de sobrevivência da espécie em sua integralidade.

Os escritos de Krenak e, em especial, *O Amanhã não está a Venda*, deixam entrever um *pluriverso*⁹ que convida à reconstrução de nossas relações com a natureza e à criação de novos imaginários, sonhos e utopias capazes de inspirar outros modos de habitar o mundo. Entendemos, com este autor, que se formos capazes de criar, seremos capazes de resistir de modo ativo. Krenak é também um sujeito político que questiona e, ao mesmo tempo, propõe uma saída ao *status quo* vigente, reconhecendo o poder das práticas cotidianas, como a arte, o artesanato e dos trabalhos de cuidar e reproduzir a vida em comunidade.

Vale salientar que as metáforas propostas pelo autor (coalhada, Mãe Terra e anzol), não se restringem a recursos estilísticos, mas se constituem em ferramentas epistemológicas que permitem refletir e repensar as noções de humanidade e natureza. Sua obra não apenas critica os fundamentos coloniais da modernidade, como também oferece uma cosmologia alternativa, ancorada na experiência indígena e nos modos comunais de existência, como horizonte de bem viver.

A partir dessas críticas o autor aponta para a necessidade de rever o antropocentrismo e reconhecer a Terra como sujeito e centro, lembrando que toda vida é natureza e que só no fortalecimento dos vínculos comunitários será

⁹ Por *pluriverso* entende-se uma crítica política e epistêmica ao universalismo moderno/ocidental, que afirma a existência de múltiplas formas de *fazer mundo*. O termo, presente nos debates decoloniais latino-americanos, remete à necessidade de reconhecer e sustentar diferentes ontologias, cosmovisões e práticas sociais, especialmente as dos povos originários e de movimentos como os zapatistas. Para Arturo Escobar, trata-se de uma *busca de pluriversalidade*: não um modelo fixo, mas uma prática contínua de experimentar e tornar possível a coexistência de muitos mundos em relações de interdependência (Escobar; Chesnais, 2023).

possível reencantar o mundo e garantir a sobrevivência da diversidade em suas múltiplas dimensões (biológica, cultural, social e existencial). Nesse sentido, Krenak não apenas denuncia as contradições do projeto de modernidade da civilização ocidental, mas também nos possibilita vislumbrar caminhos possíveis de reexistência fortalecendo a relacionalidade, a solidariedade e a vinculariedade.

Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Ailton Krenak. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/ailton-krenak>>. Acesso em: out. 2024.
- CAFFENTZIS, George; FEDERICI, Silvia. Comunes contra y más allá del capitalismo. *El Apantle: revista de estudios comunitarios*, Puebla, México, n. 1, p. 53-72, oct. 2015.
- ESCOBAR, Arturo; CHESNAIS, Aude. Rêver le plurivers pour une planète vivante: une conversation avec Arturo Escobar. *Plurivers: revue d'écologies décoloniales*, Paris, v. 1, n. 1, p. 223-235, mai 2023. Disponível em: <<https://plurivers.net/PLURIVERS-%231.pdf>>. Acesso em: set. 2025.
- ESPINOSA, Baruch. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ESTEVA, Gustavo; OSORIO, Arturo Guerrero. Usos, ideas y perspectivas de la comunalidad. In: GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel (coord.). *Comunalidad, tramas comunitarias y producción de lo común: debates contemporáneos desde América Latina*. Oaxaca, México: Colectivo Editorial Pez en el Árbol; Editorial Casa de las Preguntas, 2018. p. 33-50.
- GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. Producir lo común: entramados comunitarios y formas de lo político. In: GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel (coord.). *Comunalidad, tramas comunitarias y producción de lo común: debates contemporáneos desde América Latina*. Oaxaca, México: Colectivo Editorial Pez en el Árbol; Editorial Casa de las Preguntas, 2018. p. 51-72.
- GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. *Horizontes comunitario-populares: producción de lo común más allá de las políticas estado-céntricas*. Traficantes de sueños, 2017. Disponível em: <<https://traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Horizontes%20comunitario-populares%20de%20Sue%C3%B1os.pdf>>. Acesso em: set. 2025.



GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel; GAONA, Sandra Rátiva. Producción de lo común contra las separaciones capitalistas: hilos de una perspectiva crítica comunitaria en construcción. In: ROCA-SERVAT, Denisse; PERDOMO-SÁNCHEZ, Jenni (comp.). *La lucha por los comunes y las alternativas al desarrollo frente al extractivismo: miradas desde las ecología(s) política(s) latinoamericanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020. p. 41-65. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20201229072652/La-lucha-por-los-comunes.pdf>. Acesso em: jan. 2025.

KRENAK, Ailton. *Discurso de posse*. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 5 abr. 2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/ailton-krenak/discurso-de-posse>. Acesso em: out. 2024.

KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, Ailton. *Ideas to Postpone the End of the World*. Tradução de Anthony Doyle. Toronto: House of Anansi Press, 2020c.

KRENAK, Ailton. *La vida no es útil*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2023.

KRENAK, Ailton. *Demain n'est pas à vendre*. [S.l.]: Apororoka, 2020d. Disponível em: https://www.apororoka.com/wp-content/uploads/2020/10/20200710_Demain_n_est_pas_a_vendre_revu.pdf. Acesso em: set. 2025.

PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. *Aprender e praticar gramática*. São Paulo: FTD, 2011.

QUIJANO, Aníbal. La modernidad, el capital y América Latina nacen el mismo día. Entrevistadora: Nora Velarde. *ILLA - Revista del Centro de Educación y Cultura*, n. 10, Lima, ene. 1991, p. 42-57.

ROCA-SERVAT, Denisse. Introducción: los comunes desde las ecología(s) política(s) del Sur/Abya-Yala. Visibilizando alternativas al desarrollo extractivista en la región. In: ROCA-SERVAT, Denisse; PERDOMO-SÁNCHEZ, Jenni (comp.). *La lucha por los comunes y las alternativas al desarrollo frente al extractivismo: miradas desde las ecología(s) política(s) latinoamericanas*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020. p. 27-37. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20201229072652/La-lucha-por-los-comunes.pdf>. Acesso em: jan. 2025.



SEGATO, Rita Laura. *Cenas de um pensamento incômodo*. Tradução de Ayelén Medail, 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

| 513 SEGATO, Rita Laura. *Contra-pedagogias de la Crueldad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021b.

SEGATO, Rita Laura. *Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021a.

SEGATO, Rita Laura. La conquistualidad permanente. *Revista Anfibia*, 26 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.revistaanfibia.com/jujuy-de-vilcas-y-duenos/>>. Acesso em: set. 2025.

SEGATO, Rita Laura. *La guerra contra las mujeres*. Traficantes de sueños, 2016. Disponível em: <https://traficantes.net/sites/default/files/pdfs/map45_segato_web.pdf>. Acesso em: set. 2025.

WEBER, Max. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2003.